

Finitude e transcendência: o drama existencial de Santo Agostinho

MSc. Regineide Menezes de Lima¹

Resumo

Santo Agostinho, em sua inquietação, estudou, se aprofundou no problema humano. Em sua busca, quer saber quem é o homem? Logo concebe uma resposta mais convincente à questão instigante, qual seja: “Que grande mistério é o homem!” É nas *Confissões* que o doutor africano, em autobiografia, vai revelar toda sua humanidade. Pecados serão declinados. Não só confessa suas misérias, porém se torna contrito adorador de Deus. Portanto, neste opúsculo a pretensão é caminhar tomados pela mão do singular e extraordinário ser humano que foi Agostinho, no desejo de imitá-lo e abeberar-nos nas suas experiências espirituais e, finalmente, à sua semelhança, encontrar o caminho que leva à felicidade e, logo, acalmar o nosso inquieto coração naquele que é todo repouso, Deus.

Palavras-chave: Agostinho, angústia, felicidade, finitude, transcendência.

Abstract

Saint Augustine, within his inner anxiety, studied and reached full deepness in his thoughts regarding to human problem. In his research concerning it – human problem – he wants to know: who is the human being? Right away he conceives with the utmost precision an answer to the instigating question, so to say “what a great mystery represents the human being!” It is in his “Confessions” that this African Doctor, through his autobiography, succeeds in showing off his whole sense of humaneness. Sins will be avoided, he did not only confess his miseries, but also he shows up himself as a penitent, a contrite worshiper before God. Therefore, in this booklet, our pretension is to walk headway guided by this singular and extraordinary human being, i. e. Saint Augustine, under the upmost yearning for imitating him and quenching our thirst from his spiritual experiences and finally, at a his resemblance, finding out the path that can lead us to felicity and, so, as a result, to appease our restless heart in Whom that is rest, himself, i. e. God.

Key words: Augustine, Anguish, Felicity, Finitude, Transcendancy.

Introdução

Caminhar com Agostinho e acompanhá-lo em suas buscas é dar-se conta do quanto fora inquieto. Tão cedo revela sua angústia existencial. Homem de sentimentos profundos, inquieto com o viver humano. Há dentro de si uma ‘nostalgia de Deus’ que o persegue de modo tão vivo que o faz bradar e dá vazão a dor de su’alma². Abre os lábios e deixa sair do coração uma prece pungente que, além de laudatória a Deus, denuncia a dor que o aflige e atormenta: “... esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-vos” e “... porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (*Conf.* 1, 1,1).

A reflexão ora iniciada tomará por fonte bibliográfica a magnífica obra “*Confissões*”³, e é movida pela convicção de que a referida obra não é apenas um registro autobiográfico mas vai além, pois na maioria de seus capítulos se encontra louvores a Deus, por sua graça e sabedoria inefáveis. Nela, Agostinho declara seu amor ao Deus criador⁴. Sua leitura remete o leitor a um imperioso desejo de fazer uma devassa interior e, em assim fazendo, assumir seus erros e acertos. Não há leitor que saia dessa experiência sem ser movido e comovido por novos propósitos.

Agostinho quer entender afinal: quem é o homem? E por de-ter-se tão atentamente na realidade humana⁵ ousou dar a resposta mais precisa: “que grande mistério é o homem!” (*Conf.* IV, 14. 22). Que ser problemático!⁶ Talvez fosse mais fácil se utilizar de alguma dissimulação ou de um faz-de-conta. O que seria compreensível. Mas está consciente de que não vale a pena se iludir⁷, ainda que semelhante atitude não seja de todo reprovável e assume a condição de um ser totalmente embaraçado, atrapalhado, amarrado e pergunta: “quem desembaraçará este nó tão enredado e emaranhado? É asqueroso; não o quero fitar nem ver” (*Conf.* II,10,18).

1 Um ser enigmático

Quando refletimos sobre as ações do ser humano, ficamos pasmos diante de suas possibilidades. Estamos perante um ser multifacetado que conhece, estuda, escreve, fala, trabalha, reza, ora, canta, ama, sofre, diverte-se, come, e elabora muitas outras atividades. É exatamente por estarmos envolvidos em tantas ações que os grandes questionamentos aumentam e nos levam a seguir perguntando: quem é este ser tão enigmático? (*magna questio*) e quem é este grande abismo? (*grande profundum*) (*Conf.* IV,4,9 e 14,22).

Quanto mais questionamentos sobre o homem, mais perplexidades surgem, haja vista as dimensões do pensar, do sentir e do agir que descortinam as possibilidades transcendentais. Este ser, não obstante os liames de sua materialidade se projeta rumo à transcendência. Que compreensão podemos ter de um ser ora finito⁸, ora “eterno”? Como compreender sua essência? Qual a sua origem e qual o seu fim último?

Tais indagações levam a percepção de que tanto o homem medieval quanto o homem hodierno está em processo e que ele não é uma realidade estática. Como homem, finito, inconcluso, indeterminado vive em constante busca de sua humanização, ou seja, movimenta-se rumo à sua transcendência. Sua vocação é ser. O que Freire denomina de “a vocação ontológica de ser mais”⁹.

Agostinho tem muita clareza de sua condição, pois fora na própria pele que vivera toda dramaticidade da existência humana. É por isso que o seu ser é assaltado constantemente pela angústia vital, clamando por um sentido, por uma resposta, enfim, por encontrar uma saída urgente. O homem é um ser faltoso, incompleto, repleto de pendências¹⁰. O hiponense jamais escondeu sua condição humana e busca cessar suas lágrimas.

Quanta inquietação tem lugar certo na vida de Agostinho! Não é sem motivo que se derrama em lágrimas a pedir abrigo. Está exausto, consciente de seus muitos desacertos. Agora deseja um lugar seguro para se abrigar e refazer sua alma abatida. Consciente de suas impiedades, sabe-se merecedor de justo castigo ao tempo em que confessa que já é punido por uma sanção interior. Por isso pergunta: “é acaso pequeno castigo não Vos amar?” (*Conf.* 1,5,5.).

Agostinho é homem que conhece as dores da existência; a angústia¹¹ parece ser-lhe a mais fiel companheira. Sabe o que é a dor da perda de um ente querido. Sabe o que é a tristeza da ausência de uma amizade roubada sorrateiramente pela morte. Por isso diz: “Com tal dor, entenebreceu-se-me o coração. Tudo o que via era morte” (*Conf. IV,4,9*).

Suas palavras reforçam com desespero humano as experiências vividas diante da dor: “... chorava muito amargamente e descansava na amargura. Oh! Era desgraçado!..” (*Conf. IV, 6,11*). Muitas vezes a angústia era tal que desejava fugir de si próprio, faltava-lhe a tolerância consigo mesmo¹²: “... continuando eu a ser um lugar de infelicidade, onde não podia permanecer e donde não podia afastar-me. Para onde o meu coração fugiria do meu coração? Para onde fugiria de mim mesmo? Para onde me não seguiria? ...” (*Conf. IV, 7,12*). É desse modo que Agostinho se sente.

Nas lágrimas encontrava um pouco de alento, pois para ele “só o choro me era doce. Só ele sucedera ao meu amigo, nas delícias da alma” (*Conf. IV, 9*). Agostinho recebe o acalanto que lhe proporcionam as lágrimas. O tempo é seu maior aliado, porque traz o alívio desejado, e é qual bálsamo aos desgraçados.

O choro é sem dúvida um lenitivo para aquele que busca o conforto para seus ais. Agostinho só encontra consolo quando lamenta e chora ao abrigo de Deus:

se não chorarmos a vossos ouvidos, nada restará da nossa esperança. Donde provém o suave fruto que se colhe da amargura da vida, dos gemidos, dos prantos, dos suspiros, das queixas? Encontraremos aí doçura, pela esperança que temos de nos atenderdes? Na verdade, isto sucede na oração, porque esta encerra a ânsia de chegar até Vós (*Conf. IV, 5,10*).

Nesta etapa de profunda tristeza repete: “só me condoía e chorava, porque era infeliz e tinha perdido a minha alegria” (*Conf. IV, 5,10*). O tempo, que companhia! Conspira pacientemente com o fim de cumprir sua árdua missão: suavizar a dor que dilacera o coração: “o

tempo vinha e passava, dia após dia. Vindo e passando, inspirava-me novas esperanças e recordações” (*Conf. IV, 8,13*).

Agostinho é de fato um homem marcado pela experiência da dor. Há momentos em que seus gemidos não expressam apenas a fragilidade de um ser existencial, contudo é o reflexo do sofrer que vem da alma, do mais profundo do seu ser. Parece muitas vezes sucumbir diante da dor. Chega às raias do desespero. Chega a confessar que se sente miserável. Chora com amargura d’alma e caminha de um extremo a outro sem saber o que escolher. Os sentimentos se misturam de maneira tal que se mostra indeciso: “...dominava-me um pesadíssimo tédio de viver e um medo de morrer...” (*Conf. IV, 6,11*).

Ao trilhar as veredas com Agostinho, logo se percebe nele ‘o homem de dores’. O sofrimento que fustiga sua alma o faz escancarar as dores mais íntimas sem qualquer reserva¹³. Os ais que o envolvem tornam-no, ao que parece, um ser frágil e vulnerável ao sofrimento. De sua boca saem apenas palavras e expressões doridas. De sua intimidade faz revelações dramáticas:

...alma despedaçada a escorrer sangue [...] gemidos e lágrimas [...] pesava sobre mim o grande fardo da desgraça [...] nem tinha forças [...] continuando eu a ser um lugar de infelicidade, onde não podia permanecer e donde não podia afastar-me. (*Conf. IV, 7,12*).

Esta reflexão mostra, de modo preciso, que a inquietação é característica própria do ser humano que vive a experiência da incompletude. Entretanto, ser inquieto, conduz o homem a ter desejo de completar-se no que lhe faz falta. Não é de todo trágico o sentir-se inquieto, porque esta inquietação leva-o à busca da tranquilidade e Agostinho está convicto de que a inquietação que o perturba tem alívio em Deus, por isso afirma: “em Vós há grande tranquilidade e vida imperturbável” (*Conf. II, 10,18*).

Se a inquietação (imperfeição) é própria do homem, a quietude e plenitude (perfeição) são próprias de Deus¹⁴. Ele está sempre solícito em receber este ser em reboiço interior para fazê-lo conhecer a mais completa paz. Só nele o homem encontra quietude. Eis a segu-

rança oferecida: “aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (Sl. 46,10); “Descansai n’Ele e descansareis” *Conf.* IV, 12,18).

Agostinho é homem que conhece suas próprias misérias existenciais, se angustia com sua condição de réu confesso, por isso diz: “A minha alma é estreita habitação para Vos receber; dilatai-a, Senhor. Ameaça ruir, restaurai-a. Tem manchas que ferem o vosso olhar. Eu o reconheço e confesso.” (*Conf.* I, 5,6).

Tais revelações não passam de uma tragédia humana, porém estas não diminuem a figura do hiponense, ao contrário o fazem cada vez mais humano, autêntico. Eis aqui o Agostinho na sua mais fiel realidade. Diante de tamanha sensibilidade percebe como o ser humano em sua ‘criaturalidade’ é um ser incompleto¹⁵ e insatisfeito, susceptível à dor, por isso clama: “Ai de mim! Ó Senhor, tende compaixão de mim” Olhai, eu não escondo as minhas feridas. Vós sois o médico, e eu o enfermo; sois misericordioso e eu miserável...” (*Conf.* X, 28,39)

Eis um ser vulnerável que ora busca a Deus, ora foge dele. Quando o busca o faz convencido de que lhe é impossível fugir de sua presença, porque inútil seria tentar esconder-se daquele que tudo vê, porque “não há ninguém que se furte ao Vosso calor” (Sl, 18.7). Tentar fugir dessa presença vivificante seria privar-se do Bem maior, seria um passo recalcitrante porque “aí encontrará o rejuvenescimento e a verdadeira força” (*Conf.* V, 1,1).

Convicto de que não se pode fugir do semblante de Deus, cuja presença está em toda parte, Agostinho mostra mais uma vez o homem como um ser incosequente que tenta escapar daquele que a tudo assiste e vê. Confessa que os que assim agem terminam tendo a experiência jamais pensada: “... mas, obcecados, depararam convosco, porque não abandonais nada do que criastes” (*Conf.* V, 2,2).

Este é um encontro deveras acolhedor. Sem dúvida, é de que o homem mais necessita em seus momentos de dor e quebrantamento, e Agostinho descreve com detalhes, o modo amoroso como Deus o recebe, conquanto receba um ser alquebrado pelas dores e vicissitudes da vida.

Na sua magnanimidade Deus cuida de toda sua criação, mesmo sabendo que este homem tem sido o mais vil perdulário, motivo porque recebe o pródio e lhe estende suas benesses. Disso Agosti-

inho não duvida e o sabe muito bem. É o encontro do Criador com a criatura em que o pródigo é acolhido e consolado: “... carinhosamente lhe enxugais as lágrimas, e tanto mais gozam com os prantos quanto mais choram, [...] mas sois Vós, seu Criador, que os robusteceis e consolais...” (*Conf.* V, 2,2)

2 Um ser angustiado e inquieto

Talvez fosse de bom alvitre perguntar o porquê da angústia na trajetória humana, e por certo, ouvir-se-ia a voz dos mais experientes na angústia que declarariam que há nela a excelência do caráter pedagógico, porque esta educa e ensina¹⁶. Afinal, o que nos ensina a angústia? Ensina-nos de modo claro e objetivo, que não passamos do nada¹⁷.

O aspecto mais crucial de semelhante revelação feita ao homem é que, tendo possibilidades e não-possibilidades, as mesmas não lhe dão qualquer garantia, porque sob o manto da possibilidade¹⁸ humana se esconde o insucesso e, por fim, a morte. Nesta tamanha possibilidade, tudo é possível, não só o possível, como também o possível limite.

Em sua missão antagônica, a angústia desvela o que é o homem em sua raiz: o nada. Porém, pura possibilidade. À medida que o homem é esse nada, carrega consigo todas as possibilidades, ora realizáveis, ora não realizáveis. E o salmista Davi corrobora com seus versos: “que é o homem mortal para que te lembres dele?... Contudo pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o corostaste” (*Salmos* 8, 4,5).

Tanto a inquietação quanto a angústia são traços meramente humanos e que, portanto, retratam a identidade desse homem possibilidade-impossibilidade e nesse perfil ora delineado até o Deus-homem¹⁹ está contemplado. Logo, diante dessa consciência do “nada” só resta uma atitude: seguir o caminho que conduz ao “encher-se de Deus” porque aí encontrará todas as benesses do Pai e o drama vivido cederá lugar ao contentamento e, “quando estiver unido a Vós com todo o meu ser, em parte nenhuma sentirei dor e trabalho. A minha vida será

então verdadeiramente viva, porque estará toda cheia de Vós. Libertais do seu peso aqueles que encheis. Porque não estou cheio de Vós, sou ainda peso para mim”(Conf. X, 28, 39).

Talvez esta leitura insinue e/ou retrate um Agostinho desprovido de qualquer virtude, considerando as abundantes referências ao seu passado vicioso e distante do Criador, porém, é uma característica de sua personalidade falar exaustivamente de sua vida de filho pródigo. Sem qualquer subterfúgio, fala abertamente de todos os seus pecados infanto-juvenis. Não deixa de mencioná-los um a um. Sua lista é infinitamente completa: nela estão os registros de furtos: na casa de vizinhos, na própria despensa de casa, a paixão pelo jogo, o orgulho, depravações da juventude, dentre muitos outros.

Atento, o leitor de Agostinho, nas *Confissões*, perceberá com facilidade qual é a linha narrativa de sua obra: a exaltação do Deus criador de todas as coisas, senhor Absoluto; suas confissões de ser humano vicioso, de sua conduta delituosa e todo sofrimento interior; igualmente, sua admiração pela imutabilidade de Deus. No primeiro capítulo das *Confissões* (I, 1,1) começa com um fervoroso louvor e no último capítulo (XIII, 38,53) termina louvando a ação de Deus nas vidas das criaturas. Todo caminho percorrido é permeado de louvor e confissão.

Analisando o comportamento humano desde os tempos mais remotos,²⁰ podemos ver o ser humano agindo de duas formas equivocadas: ora negando suas atitudes reprováveis, ora culpando outrem pelos erros cometidos. Desse modo escapa ou pelo menos tenta eximir-se de culpa. Ao contrário, Agostinho sempre assume suas culpas, para depois pedir perdão, buscando dessa forma a reconciliação consigo e com Deus. Consciente de que Deus já sabe e conhece tudo, o Santo Doutor diz:

Narro estas essas coisas no desejo de Vos amar. Também nós oramos e, contudo, a Verdade diz-nos: O vosso Pai conhece o que vos é necessário, antes de Lho pedirdes. Por isso, patenteamos o nosso amor para convosco, confessando-Vos as nossas misérias e as vossas misericórdias, a fim de que ponhais termo à obra já começada da nossa libertação e sejamos felizes em Vós, cessando de ser miseráveis em

nós [...] porque sois bom e a vossa misericórdia é eterna (*Conf. XI, 1,1*).

Sob o prisma antropológico o ser humano tem a tendência de ocultar, disfarçar suas fragilidades, utilizando-se muitas vezes da ilusão para esconder sua essência. A falsidade e a verdade estabelecem verdadeira guerra. Há no homem um desconforto em mostrar-se tal qual ele é. ‘Falsificamos’ nossa identidade. Por isso Agostinho foi o precursor da autenticidade humana. Nada escondeu nas suas confissões. Eis algumas breves confissões²¹:

Na infância: “ó Deus, meu Deus, que misérias e enganos não experimentei...” (*Conf. I, 9,14*); “andava longe de vossa face, retido por afeições tenebrosas” (*Conf. I,18,28*); “cometia furtos na despensa e na mesa de meus pais” (*Conf. I, 19,30*).

Na adolescência: “quero recordar as minhas torpezas passadas e as depravações carnis da minha alma, não porque as ame, mas para Vos amar, ó meu Deus” (*Conf. II, 1,1*.); “Assim praticava o mal não só pelo deleite da ação, mas ainda para ser louvado” (*Conf. I,3,7*); “na adolescência, afastei-me de Vós, andei errante, meu Deus, muito desviado do vosso apoio, tornando-me para mim mesmo uma região de fome” (*Conf. II, 10,18*).

Na juventude: “tinha-me transformado num grande problema. Interrogava à minha alma por que andava triste e se perturbava tanto...” (*Conf. IV, 4,9*); “donde provém o suave fruto que se colhe da amargura da vida, dos gemidos, dos prantos, dos suspiros, das queixas?” (*Conf. IV,4,5,10*). “era desgraçado, e desgraçada é toda alma presa pelo amor às coisas mortais...chorava muito amargamente e des-cansava na amargura. Oh! Era desgraçado!...” (*Conf. IV, 6,11*).

Na madureza: “sou necessitado e pobre, e o melhor que há em mim é aborrecer-me a mim mesmo, entre os secretos gemidos do meu coração...” (*Conf. X, 38,63*); “Senhor, na miséria desta vida, o meu coração agitado, ... anda profundamente inquieto...” (*Conf. XII, 1,1*); “...mas ao princípio, desertando de Vós, éramos arrastados para o mal...” (*Conf. XIII, 38,53*).

Na inquietação ocorre algo deveras singular: dá-se o encontro de um ser inquieto, insatisfeito, incompleto com Aquele que é toda

perfeição. Este é o momento da ‘proximidade dialogante’²². Momento de êxtase. Momento de estupefação. Momento de transcendência. E à semelhança de Jó, Agostinho também pode repetir: “com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos” (Jó 42, 5).

3 Um ser autêntico

Ao escancarar as debilidades de sua vida Agostinho assume sua humanidade e deixa-se ver em toda sua autenticidade de ser humano. Entretanto persegue o seu ideal maior de perscrutador da personalidade humana. Volta-se, com todo empenho, a investigar o problema básico do homem, ou seja, a busca da felicidade. Daí vem a famosa doutrina do “eudemonismo de Agostinho”.

Convertido de seus caminhos tortuosos, convicto de ter sido acolhido pela graça divina, empenha-se com a felicidade e passa a afirmar que “todos queremos ser felizes, isto é, tendemos para a felicidade” e Agostinho repete: “poderemos então concluir que nem todos querem ser felizes porque há alguns que não querem alegrar-se em Vós, que sois a única vida feliz? Não; todos querem uma vida feliz” (*Conf. X, 23,33*).

Preocupado com a felicidade humana (no sentido mais amplo da palavra), Agostinho está contemplando e buscando sua própria felicidade e conseqüentemente entra em diálogo com Deus e pergunta:

Então, como Vos hei de procurar, Senhor? Quando Vos procuro, meu Deus busco a vida feliz [...] Como procurar, então a vida feliz? Não a alcançarei enquanto não exclamar: “basta, ei-la”. Mas onde poderei dizer estas palavras? Como procurar essa felicidade? Como?... (*Conf. X, 20,29*).

Trilhando as veredas em busca da felicidade, todo aspirante de tal benesse precisa dispor de sua existência oferecendo-a numa entrega ‘incondicional’ ao criador, num ato de sacrifício vivo. Semelhante atitude demonstra a consciência de um não pertencimento, porque a rigor, “...o homem deve-se a si mesmo a Deus e para que seja

bem-aventurado deve restituir-se àquele do qual recebeu a existência. Este é o significado... do ‘Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus’... Deus exige, assim, a sua imagem no próprio homem...’ (*Ep.* 127,6). Agostinho está muito solícito em entregar-se como oferta viva no altar divino e diz:

... suplico-te: recebe teu fugitivo, Senhor e Pai clementíssimo; já sofri muito [...] Recebe-me, que sou teu escravo[...] Sinto em mim que devo voltar para ti. Abra-se tua porta para mim, que estou batendo. Ensina-me como chegar a ti... (*Sol.* I, 1,5).

Toda caminhada empreendida junto com Agostinho não conduziria a nenhum lugar, caso não estivesse cimentada na condição de possibilidade de todo mortal encontrar-se com o absoluto e n’Ele realizar sua transcendência. O que diria o homem quando ao final tivesse tão somente de catalogar as desgraças e infortúnios desta esfera finita. Em nada resultaria a colheita do nada. Porque ao listar o sofrimento, as lágrimas derramadas, enfim todo infortúnio, então só restaria repetir com o hiponense: “uma só coisa reconheço: é que tudo me corre mal fora de Vós, e não só à volta de mim, mas até em mim” (*Conf.* XIII, 8,9).

Entretanto concentremos toda reflexão para a perspectiva da transcendência, momento em que a não-possibilidade se reveste de possibilidade. A referência diz respeito ao encontro do homem em seus limites, impostos pela materialidade, proporcionando-lhe o evento da ‘transcendência’. Eis o sublime tempo do despir-se da finitude para vestir-se da eternidade. É o absoluto inscrevendo na história os que outrora viveram à margem da história.

Eis chegada a convocação da eternidade, evento extraordinário no seu mais profundo sentido, quando o homem é chamado à plenitude “...Deus chama o temporal’, diz Santo Agostinho, para fazê-lo eterno: ‘*vocans temporales, faciens aeternos*’ [*Enarrt. in Ps.* 101, II,10]”²³. Que mais desejariam os mortais?

Quem ousaria descrever este átimo! Verdadeira transfiguração. Jamais, jamais fora revelado em sua inteireza. Unicamente os re-

midos poderão detalhar semelhante experiência. Eis que diante de si surge com todo deslumbre ‘a Cidade de Deus’. Que bela cidade! Libertos do mal e de todas as vicissitudes terrenas, deixam para trás os andrajos da finitude e agora se vestem com o manto da eternidade. Que experiência singular! Têm diante de si a Pátria Celeste, tão anelada de todos e ouvem do anfitrião o doce convite: – Venham à mesa para a Grande Ceia.

Vestidos a rigor,²⁴ recebem seus troféus e coroas e, apostos, usufruem das amenidades do novo eterno lar. Desde então gozam do mais perfeito prazer o qual não lembra em nada as migalhas terrenas. Começam a desfrutar da bela paisagem²⁵ e se apossam da verdadeira felicidade que segundo Agostinho é possuir a Deus, o Sumum Bonnum. Esta é, pois, a “Cidade” que não tem fim. Nela reina o onipotente, o absoluto. Tão somente o repouso e a quietude passeiam nesse lugar santo e o hiponense alegremente celebra: “aí repousaremos e veremos: veremos e amaremos e louvaremos. Eis o que haverá no fim, sem fim” (*De civ. Dei*, XXII, 30)..

Conclusão

Que dizer da caminhada empreendida por Agostinho sob o peso das agruras desta vida, se foi a angústia, a inquietação, a consciência do nada que o empurrou a uma postura corajosa ao assumir suas fragilidades. Sua atitude foge aos padrões do primeiro homem (conforme narrativa do Gênesis) que tomou duas atitudes reprováveis: primeira, se escondeu, segunda, culpou a outrem.

Foi a autenticidade que o autorizou a expressar-se sem medo ou qualquer subterfúgio: “... Senhor, conheceis-me tal como sou... Não Vos faço esta confissão com palavras e vozes de carne, mas com palavras da alma e gritos do pensamento, que vossos ouvidos já conhecem...” (*Conf. X*, 2,2).

As experiências vividas tomados pelas mãos de Agostinho é um chamado à interioridade, ou seja, é um convite, ao que já foi dito nesse artigo, a uma devassa de nosso interior para arrancar de uma vez por todas as raízes danosas aí arraigadas. De posse dessa com-

preensão, vem o confessar vícios e toda sorte de erros que ensombrem uma real visão do criador. Que longe esteja o disfarce, a ilusão, a felicidade atribuída aos bens terrenos.

Que os olhares estejam voltados para a aquisição da verdadeira felicidade, que todos ambicionam sem exceção. Conservando a lembrança de que toda e qualquer inquietação só será banida do coração quando lançada fora para se dar guarida ao criador, porque como afirma Agostinho em uma de suas cartas a Macedônio: “...pois somente quem fez o homem pode torná-lo feliz” (*Ep.* 155,1,2).

Ao empossar a felicidade resta adentrar aos umbrais da ‘Esplendorosa Cidade’²⁶ e desfrutar de toda sua beleza, sabendo que nem as tristezas, nem dores e nem gemidos poderão nela entrar²⁷. E ainda que todo esforço seja feito para descrevê-la, será mera tentativa de vislumbrar tamanho esplendor. Por essa limitação convém repetir o refrão da belíssima letra do hino “A Bela Cidade”:²⁸

Jamais se contou ao mortal;
Jamais se contou ao mortal;
Metade da glória celeste,
Jamais se contou ao mortal.

Ora na eternidade não haverá permissão para lembranças passadas. Não haverá sequer memória dos erros da mocidade. Haverá sim motivo para muito louvor e gratidão, porque é chegado o momento da eterna felicidade na Cidade de Deus, lugar onde o descanso não terá fim e os seus moradores transbordantes de alegria poderão repetir: “Quanta não será a ventura dessa vida, em que haverá desaparecido todo mal, em que não haverá nenhum bem oculto e em que não se fará outra coisa senão louvar a Deus, que será visto em todas as coisas!” (*De civ. Dei*, XXX, 1).

Notas

¹ Mestra em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e professora substituta da Universidade Vale do Acaraú – UVA.

² Para melhor entendimento desse conceito, vamos defini-lo etimologicamente: “*Dor*” do latim *dolor*, *dolore*, significa *dor*, *aflição*, *sentimento*, *tristeza*,

indignação. Isso ajudará nosso leitor a compreender o que é a “*dor metafísica*”. A dor metafísica se difere da dor física. A dor física é localizada em algum membro ou órgão do corpo, sendo captada pelo aparelho sensitivo do ser humano e através do sistema nervoso transformado em sensação. Na dor metafísica o sujeito a sente, não fisicamente, mas na alma. Por exemplo, a saudade, a ausência ou perda de alguém que se ama, a paixão, a solidão, a culpa são tipos de dores metafísicas. Ou seja, elas não podem ser demonstradas empiricamente, pois não estão localizadas em alguma parte do corpo (matéria), mas é algo abstrato, entretanto, real, sendo somente captada pela consciência humana que consegue intuir o que está para além do físico.

- 3 As *Confissões* são o primeiro tratado de psicologia moderna, pois, ao falar de suas inquietudes, de suas angústias, dúvidas e conflitos interiores, Agostinho não está falando simplesmente de si mesmo, mas do homem ou da humanidade. Essa obra, quando a lemos, nos faz olhar para dentro de nós mesmos. E cada vez que a relemos, vemos coisas diferentes. Por isso, ela é sempre atual (cf. COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Santo Agostinho**: um gênio intelectual a serviço da fé. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 165).
- 4 E graças às “*Confissões*”, podemos acompanhar, passo a passo, o caminho interior desse homem extraordinário e apaixonado por Deus. Bento XVI.
- 5 Agostinho pode ser considerado como o descobridor da personalidade humana (cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Diálogos entre razão e fé**. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 64).
- 6 O homem é um ser problemático, no sentido em que é um ser de carências. Não tem em si a razão de existir, nem dispõe imediatamente de tudo o que necessita para viver. Assaltam-no, portanto, vários tipos de necessidades. Físicas umas, como as de alimentar-se, de vestir-se, de morar. Espirituais outras, como a vontade de ser, de conhecer, de perscrutar o universo e seus mistérios, de mergulhar na profundidade dos segredos da vida, vontade de sentir e de amar. Daí ser o universo do homem cheio de questões, perguntas, interrogações. Cheio de problemas, como se diz. Mas nem tudo são problemas em um sentido mais delimitado, tal como se precisou ao longo da história da reflexão filosófica (cf. CHIAVEGATO, Augusto José (Org.). **Homem hoje**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. p. 8).
- 7 A capacidade de nos iludir é de nossa essência, e possui um caráter existencial positivo (cf. BRAGA, Olinda José. Cotidianidade e existencialidade humana – visão sobre Fortaleza: angústia, corpo, mito e libido. *In*: **Formação humana**: liberdade e historicidade (org.). OLINDA, Ercília Maria Braga de.. Fortaleza: Editora UFC, 2004. p. 158).
- 8 O ser humano, em seu cerne, é a possibilidade de encontrar o absoluto, ou seja, a possibilidade de transcendência de sua própria finitude, confronto com o absoluto (cf. OLIVEIRA, 2000, p. 64)
- 9 FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978. p. 31.

- ¹⁰ Na vida, somos seres faltosos, marcados por uma gama de situações inacabadas e pendentes (cf. BRAGA, 2004, p. 162).
- ¹¹ A angústia é o caminho mais fácil para possibilitar a autenticidade. Ela sempre surge quando da iminência de que nos deparamos com a compreensão da instabilidade inerente de nossa existência (cf. BRAGA, 2004, p.160).
- ¹² Essa tendência de não termos tolerância à verdade de nós mesmos, momento em que nos refugiamos na inautenticidade, não é algo que possamos corrigir, uma vez tomada como equívoco. Não, essa tendência é parte integrante da existência autêntica. Esses dois momentos não se excluem. A inautenticidade de fato é a autenticidade mal compreendida. A autenticidade nos persegue, quando permanecemos escondidos atrás do biombo do impessoal. Ela se trata de uma verdade que sempre rejeitamos, mas que teima em nos fazer lembrar, impossibilitando-nos de esquecê-la completamente. Ela é a voz de nossa consciência... (cf. BRAGA, 2004, p. 162).
- ¹³ Os antigos não gostavam de falar sobre si mesmos e, quando o faziam, era para gloriar-se ou defender-se. Agostinho fala de suas fraquezas, de uma alma resgatada que se acusa para exaltar seu Deus (CF. COSTA, 1999, p. 165).
- ¹⁴ Veja o que diz Agostinho nos *Solilóquios*: “Tudo o que eu disse és tu, Deus único. Vem em meu auxílio, substância una, eterna e verdadeira, em quem não há discrepância, confusão, mudança, indigência nem morte. Onde há plena concórdia, total evidência, total constância, suma plenitude e vida plena. Em quem nada falta, nada sobra...” (*Sol.* I, 4.)
- ¹⁵ ... Temos de pensar no que o homem está sendo e no que ele pode vir a ser a partir de um processo formativo, lembrando que esse dever-ser é contínuo caminhar, pois na sua finitude e historicidade o homem nunca está completo (cf. OLINDA, Ercília Maria Braga de, O conceito de formação integral no projeto formativo moderno – aprendendo com a experiência cearense. In: **Formação humana: liberdade e historicidade.** Fortaleza: Editora UFC, 2004, p. 123).
- ¹⁶ A angústia educa e ensina. Nela aprendemos a nos predispor à possibilidade. Estar aberto e disposto à possibilidade de tornar-se mais angustiante do que estar disposto e aberto à realidade (cf. BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar:** o ser, o conhecimento, a linguagem. 24. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1972. p. 169).
- ¹⁷ “se perguntarmos qual é o objeto da angústia, deve-se responder aqui como em toda parte: é o nada. A angústia e o nada marcham continuamente juntos” (KIERKERGAARD, *apud* BUZZI, 1972, p. 170).
- ¹⁸ Isso equivale a dizer que a existência humana é trágica porque todas as suas possibilidades, além de serem possibilidades-de-sim, são também possibilidades-de-não. Elas nos envolvem na ameaça do nada (...) Não há quem nos liberte da condição de discípulos da angústia. No possível, tudo é possível.

- Quer dizer: no possível nada é impossível; a possibilidade favorável não detém mais crédito que a possibilidade desastrosa (cf. BUZZI, 1972, p. 170).
- ¹⁹ Kierkegaard diz que a palavra mais angustiante pronunciada por Cristo não foi: “Meu Deus, por que me abandonaste?”, mas a que dirigiu a Judas: “o que tens a fazer, faze-o depressa!” A primeira palavra expressa o sofrimento por aquilo que estava acontecendo, a segunda, a angústia por aquilo que podia acontecer. E só nesta última se revela a humanidade de Cristo, porque humanidade significa angústia (cf. BUZZI, 1972, p. 170).
- ²⁰ A literatura bíblica registra a passagem do Jardim do Éden no livro do Gênesis 2, 1-17; 3.
- ²¹ As confissões de Agostinho são encontradas em profusão na sua obra “*Confissões*”. As breves citações declinadas no texto acima, objetiva mostrar a autenticidade do homem singular que fora o doutor africano.
- ²² O contato com o absoluto, no entanto, não é algo que se realiza simplesmente como a efetivação de uma potencialidade da natureza humana, mas é um “evento”, uma ocorrência histórica, e significa, precisamente, a humanização do ser humano. Numa palavra, a condição última de possibilidade de realização do ser humano enquanto ser humano é esse encontro com o absoluto, que Agostinho denomina “iluminação” (Cf. OLIVEIRA, 2000, p. 65).
- ²³ RAMOS, Francisco Manfredo Tomás. **A idéia do Estado na doutrina ético política de S. Agostinho**: um estudo do epistolário comparado com o “*De Civita Dei*”. São Paulo: Loyola, 1984, p. 81.
- ²⁴ Cf. Ap. 7,13 e 14.
- ²⁵ Cf. o texto de Ap. 21, 9-26 nele há impressionantes detalhes da Nova Jerusalém.
- ²⁶ Cf. Ap. 21, 2 O apóstolo João a nomeia de Cidade Santa e Nova Jerusalém.
- ²⁷ Cf. Ap. 21, 27.
- ²⁸ A letra do hino *A Bela Cidade* foi escrita por Jonathan Bush Atchinson, escritor sacro, protestante (1810-1882). A letra é composta por três estrofes, porém nos limitamos a citar apenas o estribilho (Cf. CANTOR cristão n. 498. 4. ed. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista. Julho de 1971).

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **Solilóquios; A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998 (Coleção Patrística, n.11).

_____. **A cidade de Deus:** contra os pagãos. 3. ed. Trad. de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1991. v. I, 414; v. II, 589 p.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar:** o ser, o conhecimento, a linguagem. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1972 .

CANTOR cristão n. 498. 4. ed. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista. Julho de 1971

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Santo Agostinho:** um gênio intelectual a serviço da fé. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. (Coleção Filosofia, n. 91).

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

MONDIN, Battista, Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras. Trad. de J. Renard. São Paulo: Paulus, 1980. 272 p. (Coleção filosofia, n. 2).

OLINDA, Ercília Maria Braga de (org.). **Formação humana:** liberdade e historicidade. Fortaleza: UFC, 2004.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Diálogos entre fé e razão.** São Paulo: Paulinas, 2000. (coleção Pensamento Filosófico).

RAMOS, Francisco Manfredo Tomás. **A idéia do Estado na doutrina ética política de S. Agostinho:** um estudo do epistolário comparado com o “*De Civita Dei*”. São Paulo: Loyola, 1984.

http://www.cleofas.com.br/virtual/texto.php?doc=papa_santase&id=pss0114

<http://catolicismo.wordpress.com/2008/02/21/bento-xvi-santoagostinho-vive-em-suas-obras/>

Endereço para contato:

E-mail: menezzesll@terra.com.br

